



**Mulheres que foram à luta: Olga Benário, Leila Diniz,
Iara Iavelberg e Adalgisa Nery¹**

Luma Poletti DUTRA²
Victor Israel GENTILI³
Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

Resumo

Biografias são histórias sobre a vida de personalidades que se destacaram ao longo de sua vida em determinada área. Atualmente existe um crescente interesse por parte do público por biografias cujos autores são jornalistas. O objetivo deste trabalho é desvendar o porquê da súbita tomada deste gênero – antes dominado por historiadores – pelos chamados *jornalistas biógrafos*. A questão traz consigo outras indagações: pode a biografia, escrita por um jornalista, ser utilizada como recurso historiográfico? Devem ser classificadas como jornalismo literário ou *New Journalism*? Este trabalho analisará, em particular, as biografias de quatro mulheres que se destacaram no âmbito político e social de sua época: *Adalgisa Nery, Iara Iavelberg, Leila Diniz e Olga Benário*; todas narradas por jornalistas.

Palavras-chave: Biografias; jornalismo; história; literatura.

Introdução

Biografias são relatos sobre a vida de determinada personalidade, e, durante muito tempo este gênero foi dominado especialmente por historiadores como Luiz Viana Filho, Raimundo Magalhães, Stefen Zweig, André Maurois, entre outros. Ultimamente, porém, um fenômeno foi observado: jornalistas estão cada vez mais ganhando espaço e reconhecimento nesta área: “no Brasil, biógrafos com formação ou experiência em jornalismo têm sido destaque nas ardilosas tabelas de *best-sellers*” (VILAS BOAS, 2002, p.11). O objetivo deste trabalho é analisar esta tomada de mercado por parte dos jornalistas e o porquê das biografias escritas por estes profissionais apresentam uma aceitação do público relativamente maior do que as outras. Pretende-se observar qual a influência da literatura na produção biográfica; se este gênero deve ser enquadrado como uma vertente do Jornalismo Literário ou *New Journalism*; até que ponto é válido o

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 13 a 15 de maio de 2010.

² Estudante de Graduação 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFES, email: lumadutra@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFES, email: vgentilli@uol.com.br



uso da ficção para retratar uma realidade; e, sendo assim, a biografia escrita por jornalista pode ser utilizada como recurso historiográfico?

Neste trabalho serão analisadas quatro biografias escritas por jornalistas, sob o tema “*Mulheres que foram à luta*”, são elas: *Olga*, de Fernando Moraes; *Leila Diniz*, de Joaquim Ferreira dos Santos; *Iara Iavelberg*, de Judith Lieblich Patarra e *Adalgisa Nery*; de Ana Arruda Callado.

Buscando uma definição

Em seu livro *Biografias & Biógrafos – Jornalismo sobre personagens*, Sérgio Vilas Boas fala da importância das biografias, como o resgate do passado de alguém, e até mesmo como um produto social.

No geral, biografias reconstróem a vida de uma pessoa que, de alguma forma, alcançou certa visibilidade em sua área de atuação. A escolha da pessoa a ser biografada parte do escritor – apesar de existirem biografias encomendadas, este tipo de obra não é comum no Brasil, normalmente são obras não-autorizadas, ou seja, o biógrafo não pede autorização ao biografado ou à família deste antes de escrever. Essa escolha se dá, normalmente, por afinidades entre o escritor e personalidade a ser retratada:

Os biógrafos tendem a preferir biografar um indivíduo (bandido ou herói) que ao menos mereça seu respeito e estimule sua capacidade individual de investigação. Evidentemente, outros fatores entram no conflitante jogo da criação biográfica, como o mercado, as preferências pessoais do autor, sua relação com o personagem central, entre outros (VILAS BOAS, 2002, p.18).

Uma vez que a escolha do sujeito a ser biografado foi feita, o escritor passa para a fase que, certamente, tomará mais tempo na produção do livro: a pesquisa. Sua primeira investida serão as fontes ditas *primárias* (VILAS BOAS, 2002, p.55), ou seja, materiais relacionados ao personagem que foram divulgados, como recortes de jornais e revistas, documentos (oficiais ou não), cartas, diários pessoais, fotos, etc. Em seguida, passa-se às fontes *secundárias*: são colhidos depoimentos, por meio de entrevistas, de pessoas que conviveram com o indivíduo. Nesta fase há de se ter um senso crítico sobre todo o material coletado, deve-se conferir as informações, checar nomes e datas para que não sejam divulgadas informações falsas sobre a vida de uma pessoa.



Biografias são trabalhos autorais, com base nisto pode-se dizer que se dois biógrafos narram a vida de um mesmo personagem, teremos dois relatos diferenciados, e existem casos do mesmo escritor biografar várias vezes o mesmo indivíduo, como ocorreu com Alberto Dines que produziu três edições diferenciadas sobre Stefen Zweig, neste caso, a terceira edição se configura de fato como uma nova biografia, 25 anos depois da primeira. Afinal, não há como totalizar a vida de uma pessoa.

Dizer que existem biografias definitivas é um erro pois cada biografia mostra uma interpretação sobre o biografado: “Biografia é o recorte de uma vida, não *a* vida. Dito de outro modo: ela é um arranjo de vidas a partir de fatos que levam à interpretação de *uma* vida” (VILAS BOAS, 2002, p. 136-137). Conclui-se que, alcançar a totalidade em uma biografia é tão utópico quanto alcançar a objetividade e neutralidade do jornalismo.

O fazer jornalístico e biográfico

Nota-se que o fazer biográfico e o jornalístico apresentam semelhanças. A pesquisa realizada por biógrafos é a naturalizada por jornalistas ao apurar um fato, de forma que estes já se encontram familiarizados com o processo metodológico. Além disso, o texto jornalístico busca fluidez e acessibilidade, visando captar a atenção do leitor e o entendimento pleno do que foi escrito. Não dá para fazer uma biografia cujo público seja somente o meio acadêmico, por isso a narrativa deve ser clara, porém:

É evidente que isso não é um impedimento para que os pesquisadores jornalistas produzam conhecimento histórico mais afeito ao campo científico – como o comprova o fato de vários jornalistas terem feito estudos históricos rigorosos e de qualidade (...). O tradicional fôlego investigativo dos jornalistas, sua capacidade de oferecer boas interações pessoais com fontes de informação, preocupação com a clareza na produção textual são algumas que podem e devem ser ‘levadas’ de um campo a outro (ROMANCINI, 2007, p. 40).

Em busca desta clareza observa-se que os jornalistas-biógrafos usam menos notas de rodapé em suas obras do que os demais escritores historiadores, por exemplo.

O grande sucesso deste gênero deve-se então, a leitura fluida típica dos jornalistas, e ao fato de que a vida de personalidades importantes sempre despertou o interesse do público, vide o alto consumo de revistas ou tablóides que tratam da vida de pessoas



famosas – porém este tipo de relato de vidas não deve ser confundido com biografias, pois visam apenas comentários de bastidores, intrigas e invasão de privacidade.

Biografia: literatura?

Existe um questionamento acerca da classificação das biografias escritas por jornalistas como uma vertente do *New Journalism*, afinal, são utilizados recursos literários como a riqueza de detalhes sobre o personagem (gestos, fala, modo de se vestir), adjetivação, uso de figuras de linguagem (metáforas, ironias, metalinguagem), *flashbacks*, discurso indireto, etc. Giovanni Levi observou que “a biografia constitui na verdade o canal privilegiado através do qual os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura se transmitem à historiografia” (LEVI, 2002, p. 168).

Assim, o uso de recursos literários é justificado pelo fato de que o objetivo do biógrafo é contar uma boa história, acrescentando toques de literatura à sua narrativa. Quanto ao campo jornalístico, observa-se que ele e a literatura se complementam ao narrar um fato real:

“a curiosidade fascinada acerca de detalhes das vidas de pessoas famosas, o gosto por frases engraçadas e comentários aguçados, até mesmo o estilo pomposo de veneração dos astros – estão na verdade entre as coisas que o jornalismo tem a oferecer à literatura” (GOPNIK *apud* VILAS BOAS, 2002, p. 27).

Outra questão a ser discutida nessa relação entre biografismo e literatura é diferenciação da limitada liberdade do biógrafo na produção de sua obra, oposta à liberdade de um escritor ao produzir um romance. É nesse momento que entra uma questão polêmica: como contar a história de alguém sem fazer uso da ficção? Por mais que se pesquise, não é possível reconstruir a vida de uma pessoa *ipsis literis*: “O processo biográfico impõe certas condições. A mais impactante delas é que cada palavra estaria baseada (ou seria inspirada) em fatos” (VILAS BOAS, 2002, p. 112). Conclui-se que o uso de recursos ficcionais na narrativa são inevitáveis, porém, não devem exceder ao ponto da distorção da realidade.



Ao longo da narrativa, o biógrafo lança mão de recursos que objetivam principalmente informar e fisgar a atenção do leitor. A reprodução de diálogos é um destes (em discurso direto); a alternância do foco narrativo – que consiste na “técnica de apresentar cada cena ao leitor por meio dos olhos de um personagem particular, dando àquele a sensação de estar dentro da mente do personagem” (VILAS BOAS, 2002, p. 86); a reconstrução minuciosa, que significa descrever os hábitos do personagem (seu modo de andar, se vestir, gestos, etc.) - esta última característica em particular enfrenta certa resistência por parte daqueles que objetivam a “neutralidade” em seu discurso - e o paralelo em dois planos, entre a literatura e o historicismo.

Existem, porém, características aos quais os biógrafos em geral (jornalistas ou não) estão presos, e a cronologia é a principal delas, gerando polêmica ao tratar de sua necessidade linear ou não. Para Felipe Pena “o sucesso das biografias no mercado editorial está certamente relacionado à opção da maioria dos autores em reconstruir o passado atribuindo significado aos fatos dispersos de uma vida, alocando-os em ordem cronológica (...)” (PENA, 2004, pg. 20).

Outra característica polêmica do “fazer biográfico” diz respeito à imparcialidade do autor ao relatar a história de um sujeito. Sobre isso, temos exemplos de biografias em que o autor deixa clara a sua admiração para com seu biografado como *Roberto Carlos em detalhes*, por Paulo Cesar de Araújo e *JK – O artista do Impossível*, por Claudio Bojunga.

Inicialmente o biógrafo não deveria exaltar, condenar, nem mesmo julgar seu biografado, porém “a biografia também transporta a carga de seu autor, suas impressões pessoais, sua formação, sua história de vida, seus compromissos com a sociedade que o moldou e consigo mesmo” (VILAS BOAS, 2002, p. 136), logo o biógrafo, muitas vezes inconscientemente, acaba por expor sua opinião acerca de seu biografado, mas por acaso o mesmo não acontece no jornalismo? A imparcialidade continua sendo um objetivo utópico

A seguir serão analisadas as biografias de *Olga*, escrita por Fernando Morais; *Leila Diniz*, por Joaquim Ferreira dos Santos; *Iara*, por Judith Lieblich Patarra e *Adalgisa*



Nery, por Ana Arruda Callado. Serão analisados os recursos utilizados por estes jornalistas-biógrafos na construção de uma narrativa biográfica.

Olga – A vida de Olga Benário Prestes, judia comunista entregue a Hitler pelo governo Vargas

Fernando Moraes, juntamente com Ruy Castro e Lira Neto, faz parte dos chamados jornalistas-biógrafos *clássicos*. Além de Olga também escreveu a biografia de Chateaubriand (o Chatô), dos fundadores da agência de publicidade W/Brasil, mais recentemente do escritor Paulo Coelho, entre outros livros.

A biografia de Olga Benário foi lançada em 1984 e foi transformada em filme, dirigido por Jayme Monjardim em 2004. A pesquisa sobre a vida desta personagem durou dois anos – descritos pelo autor na apresentação do livro. Ainda na apresentação, o biógrafo explica o porquê da escolha desta personagem para ser biografada:

A vida de Olga Benário Prestes, uma história que me fascina e atormenta desde a adolescência, quando ouvia meu pai referir-se a Filinto Müller como o homem que tinha dado a Hitler, ‘de presente’, a mulher de Luís Carlos Prestes, uma judia comunista que estava grávida de sete meses. Perseguido por essa imagem, decidi que algum dia escreveria sobre Olga, projeto que guardei com avareza durante os anos negros do terrorismo de estado no Brasil, quando seria inimaginável que uma história como esta passasse incólume pela censura (MORAIS, Fernando, 2004, p. 9).

Fernando Moraes opta pela adoção do narrador onisciente, e descreve as sensações dos personagens – estando aí presentes os toques de literatura desta biografia: “Olga não ignorava o quanto de fantasia sustentava esse raciocínio, que aquilo era um mecanismo interior para aplacar o pânico diante da iminente condenação do namorado” (MORAIS, Fernando, 2004, p. 45). Ainda sobre as inferências literárias nesta obra, nota-se que o autor assume um tom visivelmente lírico, em especial nas passagens que tratam de separação: a prisão, seguida da separação de Olga e Prestes; a separação – já no campo de concentração – de Olga e sua filha, Anita; e a morte da amiga de Olga, Sabo.



O autor busca prender a atenção do leitor ao reproduzir alguns diálogos e recriar ambientações de sua personagem, justificando, na apresentação do livro que “as raras passagens deste livro em que foi necessária a recriação referem-se sempre a cenários de determinados fatos – nunca a fatos em si. E, ainda assim, a recriação se deu a partir de depoimentos de testemunhas” (MORAIS, Fernando, 2004, p. 14).

A apresentação de documentos como cartas, fotos, telegramas, ofícios, notícias de jornais da época, bilhetes, manifestos, etc. é farta ao longo da narrativa. Este tipo de documentação confere credibilidade à pesquisa do biógrafo, ainda mais se tratando de Olga, uma personagem que, além de ter vivido em um período obscuro da história deste país, ainda vivia na clandestinidade, assumindo identidades falsas. Soma-se a isso o fato de que muitas das possíveis fontes que conviveram com Olga foram presas, mortas ou já não podem confiar plenamente na memória para relatar cenas e fatos, visto que os momentos decisivos da vida de Olga passam-se nos anos 30 do século XX (lembrando que a biografia foi lançada na década de 80). Diante de tantas dificuldades, a disponibilização destes documentos dão respaldo à pesquisa do autor.

Leila Diniz – Uma revolução na praia

Joaquim Ferreira dos Santos não é um iniciante no campo biográfico, já escreveu o perfil do cronista e compositor Antônio Maria e lançou a biografia de Leila Diniz em 2008. Neste livro o autor nos apresenta uma personagem que arrasava o conservadorismo de um Rio de Janeiro na década de 60 sem proferir discursos libertários.

O fio condutor desta biografia é a vida polêmica que Leila Diniz levava, suas atitudes e seu trabalho. Joaquim narra sua história na terceira pessoa e no passado, usa períodos curtos e utiliza muitos depoimentos de pessoas próximas à atriz e poucos diálogos. Nota-se uma constante contextualização da época em que viveu a personagem, de modo que o leitor não fique perdido nos atos irreverentes de Leila.

A leitura capta bem a sincronia jornalismo-literatura ao apresentar figuras de linguagens como metáforas, ironias, e, ao mesmo tempo, documentação como fotos, trechos publicados em jornais e revistas, fragmentos do diário da biografada, filmes, novelas,



etc. A exemplo do fazer jornalístico, o autor apresenta duas versões para um mesmo fato, no caso, quando o assunto era a resistência da Globo em contratar Leila – evitando, assim, tomar partido sobre a questão.

Observam-se pontos de comicidade, que se devem não só aos acontecimentos inesperados da vida da personagem, como também aos leves comentários do biógrafo. Destaca-se neste livro a linguagem informal adotada por Joaquim Ferreira dos Santos, de forma que a narrativa adquire o tom de uma conversa entre amigos: “muitos pagaram peitinho, bumbum e algo mais na infelicidade de um *royal straight flush* na mão adversária” (SANTOS, Joaquim Ferreira dos, 2008, p. 62). O autor não deixa claro no livro o que o motivou a biografar esta personagem, aparentemente seu único contato com Leila Diniz foi durante uma entrevista em 1972. Joaquim Ferreira não detalha o processo de pesquisa no livro.

Iara – Reportagem biográfica

“Iara” é o segundo livro da autora Judith Lieblich Patarra, lançada em 1992, sendo a única biografia. Sua biografada revolucionou o comportamento daqueles que pretendiam fazer a revolução no Brasil em plena ditadura militar. Militante da luta armada contra a ditadura militar, na clandestinidade ela conheceu Lamarca e os dois iniciaram um relacionamento, e logo se tornaram o casal de “terroristas” mais procurados pela repressão.

Usando uma linguagem padrão, a biógrafa narra em terceira pessoa, como um narrador onisciente, a vida desta guerrilheira e de toda a sua geração, expondo constantemente o contexto, na construção de um sentido para as atitudes de sua personagem. Depoimentos de pessoas que estiveram em contato com a biografada estão presentes ao longo de todo o livro. A autora também faz uso de diálogos em discurso direto e seus períodos normalmente são curtos.

Subentende-se que, assim como Olga, a pesquisa sobre Iara deve ter demandado grande esforço da biógrafa – exceto pelo fato de que os momentos decisivos da vida de Iara ocorreram no final dos anos 60 e início dos 70, evidente que essa diferença no tempo



favoreceu encontrar pessoas ainda vivas que conviveram com a biografada. Esta personagem também viveu em uma época de informações restritas, na clandestinidade, assumindo identidades falsas e cujas possíveis fontes também foram presas ou mortas. Judith apresenta fotos, documentos e cartas no livro.

A biografia de Iara Iavelberg apresenta uma característica que as demais analisadas neste trabalho não possuem: notas de rodapé. A autora faz uso delas para adicionar comentários pertinentes, a fonte e identificar de onde provêm algumas informações no texto. Outro ponto abordado neste livro e que não encontra tanto destaque nos outros estudados foi a genealogia de Iara. A biógrafa volta ao país de origem dos avós de Iara – no oriente europeu – e refaz toda a sua trajetória até culminar com a vinda para o Brasil e o nascimento de Iara e de seus irmãos.

Ao final do livro há uma quebra da cronologia, que ao longo de toda a narrativa vinha sendo linear: a hora da morte de Iara se aproxima, e a biógrafa então interrompe a cronologia adotada e expõe depoimentos de amigos da biografada ao tomarem conhecimento de sua morte – o que, pela narrativa, ainda não havia ocorrido. A autora não expõe no livro suas razões para biografar esta personagem, nem detalha como se deu o processo de pesquisa. A esse respeito, vale observar que a biografia ainda trabalha com a versão do relatório do Ministério da Aeronáutica, de que Iara suicidou-se. Hoje se sabe que ela foi assassinada. Seus restos mortais foram transferidos da ala dos suicidas para uma área nobre do cemitério israelita onde se encontra.

Adalgisa Nery – Muito amada e muito só

Ana Arruda Callado já publicou várias biografias, *Dona Maria José*, *Maria Martins*, *Jenny – amazona, valquíria e vitória-régia*, e lançou *Adalgisa Nery* em 1999. Sua personagem obteve destaque pela valentia, por ter exercido os papéis de jornalista e política de forma contundente, por seu talento como escritora e seu relacionamento com um grande intelectual – Ismael Nery – e com um grande político – Lourival Fontes, chefe do Departamento de Imprensa e Propaganda do governo Vargas.

Vale ressaltar que a obra de Ana Arruda Callado em questão, *Adalgisa Nery*, possa ser considerada mais um perfil do que exatamente uma biografia. Não foram estabelecidos



critérios de diferenciação nesta pesquisa, porém, a obra aproxima-se mais de um perfil, pois não se enquadra no padrão das outras biografias que foram estudadas.

A autora enfatiza a vida pública de Adalgisa, de forma que sua vida pessoal fica ligeiramente ofuscada, sua imagem pública se sobressai à sua realidade pessoal. Os recursos literários não são amplamente aproveitados nesta narrativa, apresentando apenas um *flashback* logo no início do livro. Narrado na terceira pessoa, com muitos depoimentos e quase nenhum diálogo, a biógrafa não se omite na narrativa e deixa transparecer como se deu seu processo de pesquisa, ao descrever as entrevistas, e até suas próprias impressões a respeito do entrevistado:

Quando ele abriu a porta do apartamento, fiquei surpresa com o aspecto jovem do antigo líder sindical e figura quase mitológica do PCB, do qual foi militante de 1944 a 1989. Ao final da longa e amistosa conversa, não resisti e comentei:
- Mas você parece muito mais moço do que é!
E ele, às gargalhadas:
- Eu sou mais moço do que sou” (CALLADO, Ana Arruda, 1999, p. 114-115).

Existe uma fonte na narrativa que preferiu não se identificar. Ana Arruda aceita esta condição e, como uma boa jornalista, logo arruma um pseudônimo para sua fonte: “o economista-assessor-apaixonado”. Ainda no campo do fazer jornalístico, essa biografia contém informações provenientes de fontes seguras, mas que se confrontam. A autora opta por não julgar qual seria a versão verdadeira e expõe as duas para que o leitor tome sua própria decisão.

Conclusão

Vista inicialmente como um gênero menor, especialmente por escritores e historiadores, a biografia tem caído cada vez mais no gosto do público. Jornalistas estão se aventurando nesta área e a resposta tem sido positiva, livros com narrativas inteligentes, que mesclam historiografia, jornalismo e literatura.

Sérgio Vilas Boas cita Ruy Castro quando este afirma que “o objetivo de uma biografia é ‘revelar o ser humano para quem se habituou a só ver o herói e mostrar o herói para quem só teve a chance de conhecer o ser humano’” (VILAS BOAS, 2002, p. 127). A partir das biografias analisadas, pode-se concluir que seus respectivos autores (as) conseguiram alcançar o objetivo principal, o de contar uma boa história.



Referências

- CALLADO, A. A. **Adalgisa Nery**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.
- DOS SANTOS, J. F. **Leila Diniz**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- LEVI, Giovani, “Usos da biografia”, In: AMADO, Janaina, FERREIRA, Marieta de Moraes, **Usos & Abusos da história oral**, Rio de Janeiro, Editora FGV, 2002.
- MORAIS, F. **Olga**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- PATARRA, J. L. **Iara** – Reportagem Biográfica. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.
- PENA, Felipe, - **Teoria da Biografia sem fim**, Rio de Janeiro, Mauad, 2004.
- ROMANCINI, Richard. **História e jornalismo**: reflexões sobre campos de pesquisa. In: LAGO, Claudia, BENETTI, Márcia(Orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- VILAS BOAS, S. **Biografias & Biógrafos** – Jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.